

# **Enfrentando o “Dragão do Apocalipse”: para não esquecer, colocar uma romaria na rua em uma cidade minerária – reflexões sobre a 5ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce<sup>1</sup>**

Ramon da S. Teixeira  
(CPDA-UFRRJ/Rio de Janeiro)

**Palavras-chave:** romaria; religião e política; crítica à mineração.

## **Introdução**

Esta comunicação é parte da minha pesquisa de doutorado em andamento que tem como objeto o fenômeno da Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce – doravante, “Romaria da Bacia do Rio Doce” ou “Romaria do Rio Doce”, como ouvi em campo –, tomada como uma “caminhada ritual” (Sanchis, 1983a) celebrada no interior do catolicismo plural (Teixeira; Menezes, 2009) em uma Minas Gerais marcada pelo rompimento da Barragem de Fundão, da Samarco/Vale/BHP Billiton, em Mariana-MG, no dia 5 de novembro de 2015 – o “maior desastre ambiental do Brasil” (MPF, s. d.) ou como disse um interlocutor<sup>2</sup>, o “maior crime ambiental já conhecido na face da terra”.

Entre os anos de 2020 a 2024, utilizei-me da observação participante, escutando, olhando, sentindo e me afetando (Cardoso de Oliveira, 1996; Fravet-Saada, 2005; Ingold, 2015, p. 25-26; Stoller, 2022) para captar a romaria em suas várias etapas, realizando trabalho de campo em Conceição do Mato Dentro-MG, município onde ainda resido, e me movimentando conforme pediu o campo. Durante esse tempo, vivenciei “de dentro” todo o processo ritual (pré-, ritual, e pós-ritual) das romarias e *entre* romarias, conversei e realizei entrevistas, colecionei documentos e registrei tudo que fosse possível, nas condições que me foram possíveis, das atividades que envolveram a realização da quinta, sexta e sétima edições da Romaria.

Nesse contexto, interessado no “espraiamento do religioso para além da religião” (Menezes, 2023, p. 9), nesta comunicação gostaria de apresentar parte desses dados, especificamente, os produzidos em campo durante a quinta Romaria do Rio Doce (2022),

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

<sup>2</sup> Padre Marco José, um dos principais idealizadores e organizadores desta romaria, em entrevista durante a segunda edição do evento, in: 2ª Romaria... (2017).

em Conceição, que sejam bons para pensar a situacionalidade e as tensões que envolveram o *fazer romaria* nesta cidade. Assim, valendo-me do simbolismo verbal e ritual que tal evento fez florescer, sobretudo, do dito e do feito (Peirano, 2002), refletirei em um sobrevoo sobre como o caminho escolhido para a realização desta Romaria fez a romaria e vice-versa? Quais foram os principais agenciamentos materiais vistos? Quais as materialidades e sentidos emergiram durante a caminhada da concentração até o Santuário do Bom Jesus do Matosinho? E como o(s) santo(s) local(is), o rio Santo Antônio e as demais águas do lugar, o contexto minerário local e seus conflitos foram motivos para a caminhada e sentidos da romaria?

### **Montando o cenário das Romarias da Bacia do Rio Doce**

Concebidas no bojo de um conjunto de outras ações realizadas “para não esquecer” o rompimento da Barragem de Fundão (Samarco/Vale/BHP Billiton) e propor um outro modelo econômico, político e social para que o crime-tragédia não se repita, as Romarias da Bacia do Rio Doce são romarias itinerantes de *denúncia* ao modelo mineral brasileiro e *anúncio* de “uma outra ecologia”, a “ecologia integral”. Em termos êmicos, a romaria “vem anunciar o Reino de Deus e denunciar toda a espécie de injustiça”<sup>3</sup>.

Com a anuência dos bispos da Província Eclesiástica de Mariana<sup>4</sup>, tais romarias são organizadas pela Comissão do Meio Ambiente desta província, em parceria com o Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce e com movimentos religiosos e sociais diversos. Custeadas, sobretudo, através de recursos advindos de uma organização de ajuda alemã vinculada à Igreja Católica, a Adveniat, e com recursos das paróquias e dioceses por onde é realizada, tais romarias tematizam a água e a terra a partir de uma perspectiva heurística religiosa-política que parte de uma ética ambiental holística e integral sem esquecer da noção teológica de “opção preferencial pelos pobres” que orienta historicamente a prática desses coletivos (Ikoi, 1996) – no caso, expressa nas demandas das populações atingidas pelo referido desastre-crime.

Como me explicou uma das minhas principais interlocutoras, ex-agente pastoral da Comissão Pastoral da Terra (CPT) – hoje vinculada à Cáritas, à supracitada comissão e ao mencionado fórum, entre outras organizações –, tais romarias seguem uma tradição

---

<sup>3</sup> Padre Marco José, 49 anos, durante entrevista em 2ª Romaria... (2017).

<sup>4</sup> Formada pela Arquidiocese de Mariana e pelas Dioceses de Itabira/Cel. Fabriciano, Governador Valadares e Caratinga.

de Romarias das Águas e da Terra Estaduais, também itinerantes, organizadas pela CPT em Minas Gerais desde 1996. Todavia, como “uma tradição que é continuamente *reinventada*” (Steil, 1996, p. 59, grifo do autor), as Romarias do Rio Doce surgem de uma ruptura com essas romarias da CPT, sem perder de vista “um estoque de referências religiosas e práticas rituais que foram sendo acumuladas [...], [...], mas que hoje são usadas para socializar seus sistemas de idéias e padrões de comportamento” (*Ibid.*) que agrega às “velhas questões” da CPT, concernentes à luta pela terra (Romano, 1995), uma “nova”<sup>5</sup>: a “questão mineral brasileira” (Trocate; Coelho, 2020), ou melhor, a megamineração, as mineradoras e suas barragens como um problema público (Cefai, 2009, 2011) que exige justiça socioambiental.

Como disse Lucimere Leão, 57 anos, principal coordenadora da romaria:

[...] em 2015 estoura a barragem e 2016 a gente então faz a primeira romaria da Bacia do Rio Doce na Diocese de Governador Valadares, lá no, no, no... rio Doce. Porque aí a gente, a gente se desafiou e... vamos fazer o debate, vamos fazer a discussão. [...] A romaria já foi pensada, definida a partir do rompimento da barragem. [...] E aí então a gente cria a Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce. A romaria, na verdade... é um debate, é uma discussão toda da Província [Eclesiástica de Mariana]. Então, os bispos aprovaram fazer nas quatro [dioceses da Província]. Fez. Aí, depois a gente estendeu [para a Diocese de Guanhães e para o estado do Espírito Santo], pra continuar fazendo, fechando a bacia. E aí agora a gente tá voltando, né [referindo-se ao recomeço do ciclo, com a realização da sétima edição da romaria, em Naque, na Diocese de Governador Valadares, em junho de 2024]<sup>6</sup>.

Como me explicou Lucimere, as Romarias da Terra nascem do martírio, quer dizer, “em muitos lugares ela nasceu a partir [...] da morte. [...], [...] onde teve um assassinato, teve um processo de luta forte”<sup>7</sup>. E no caso das Romarias da Bacia do Rio Doce, não é diferente. Como disse, “aqui no rio Doce, a gente traz a morte do rio”, assim, esta romaria “nasce a partir da morte de um rio: mataram um rio, mas mataram pessoas”<sup>8</sup>. Em outros termos, os “aproximadamente 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro e sílica, entre outros particulados. [...]. Em sua rota de destruição, à semelhança de uma avalanche de grandes proporções, com alta velocidade e energia” (MPF, s. d., n. p.) degradou 240,88 hectares de Mata Atlântica, vitimou dezenove pessoas – trabalhadores terceirizados e moradores de Bento Rodrigues, entre elas duas crianças e

---

<sup>5</sup> Digo “nova”, porque a questão da mineração já era tratada, de algum modo, a depender do contexto onde ocorreram as romarias estaduais da CPT. Porém, após o rompimento da barragem da Samarco, esse tema passa a ser o *leitmotiv* para o surgimento de um outro tipo de romaria das águas e da terra no estado, *i. e.*, a Romaria da Bacia do Rio Doce, foco de minhas análises.

<sup>6</sup> Em entrevista, 17.04.2024.

<sup>7</sup> Em entrevista, 08.05.2024.

<sup>8</sup> Em entrevista, 01.05.2024.

três idosos –, desalojou várias famílias, atingiu 41 cidades em Minas Gerais e Espírito Santo e 3 reservas indígenas (povos Krenak, Tupiniquim e Guarani), deixando uma centena de milhares de moradores da bacia sem água potável, “matando” o rio Doce (ou *Watu*, para os povos indígenas), onde à época foram recolhidos mais de 14 toneladas de peixes mortos (MPF, s. d.; Serra, 2018).

Deste modo, sem abandonar uma “estrutura romeira” (Sanchis, 2006, p. 92)<sup>9</sup> que se vê nas tradicionais romarias devocionais (Sanchis, 1983a, 1983b, 2006; Fernandes, 1982, 1994; Steil, 1996; Menezes, 2000; Turner, 2008; Jácome, 2016), tais Romarias das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce se diferenciam em muitos aspectos destas. Como me disse outra interlocutora<sup>10</sup>, tais romarias entram no rol das “romarias de denúncia” que vão onde o “problema está”, diferentemente das devocionais que possuem Santuários fixos visitados por romeiros e romeiras.

[...]. Dessa forma, a prática antiga da romaria tornou-se uma nova maneira de reivindicar direitos e um valioso instrumento de luta e solidariedade. [...]. São velhas práticas, renovadas para a realização de um novo projeto social que seja mais justo. [...] (Vieira, 2015, p. 101).

Destarte, as Romarias do Rio Doce se aproximam mais das romarias martiriais (Adam, 2002; Vieira, 2015; Souza, 2016; Rolemberg, 2021) ou por defesa de direitos, como é o caso das Romarias dos Trabalhadores e Trabalhadoras (Guimarães; Silva; Faria, 2020). Para além, no contexto das controvérsias e injustiças que circundam o *fazer memória* e o *fazer justiça* no caso do crime da Samarco/Vale/BH Billiton, tais romarias podem ser vistas também como um “contramonumento em memória das vítimas do crime-desastre da mineração”, tal como refletem Dupin e Martins (2023) a propósito da Romaria pela Ecologia Integral a Brumadinho – outra romaria que também surge após um rompimento de uma barragem de rejeitos de minério de ferro em Minas Gerais.

A Romaria da Bacia do Rio Doce é celebrada anualmente. Geralmente em junho, no domingo mais próximo ao Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho). Desde sua primeira edição em 2016, já foram realizadas sete romarias<sup>11</sup>, cada qual em uma diferente

---

<sup>9</sup> Que abrange “diferentes modos de assumir uma relação ‘peregrina’ com o tempo, o espaço, o corpo, a dimensão coletiva” (Sanchis, 2006, p. 85), isto é, que passa pela “procura caminhante do Sagrado; relação ativa com o espaço, o lugar longínquo, a alteridade visada pela transformação de si” (*Ibid.*, p. 91).

<sup>10</sup> Maria José, 54 anos, romeira vinculada à Pastoral Afro-Brasileira da Arquidiocese de Mariana, em entrevista, 22.06.2024.

<sup>11</sup> A primeira edição ocorreu em Resplendor-MG (05.06.2016), a segunda em Caratinga-MG (04.06.2017), a terceira em Ponte Nova-MG (03.06.2018), a quarta em Itabira-MG (02.06.2019), a quinta em Conceição do Mato Dentro (excepcionalmente em 05.09.2022), a sexta na Vila Regência, Linhares-ES (18.06.2023) e a sétima em Naque-MG (16.06.2024).

paróquia de alguma das dioceses da Bacia do Rio Doce<sup>12</sup>. Tais manifestações, indubitavelmente religiosas (especificamente, vinculadas ao catolicismo)<sup>13</sup>, congrega um amplo repertório de modos de *viver a religião e fazer política* (p. ex., procissão religiosa, caminhada de protesto, comício, ações diretas, etc.) e assumem um caráter simultaneamente religioso e político, como veremos.

Como me explicou Lucimere, tal como na tradição das Romarias Estaduais da CPT, “Essas romarias nossas, sempre precederam de missão”<sup>14</sup>. Ou seja, em um processo ritual maior<sup>15</sup>, a caminhada da Romaria da Bacia do Rio Doce é precedida por uma Semana Missionária, momento em que, um grupo de leigos e leigas da Igreja Católica – como lembrou a coordenadora, ligados “principalmente às comunidades das CEBs”<sup>16</sup> –, sobretudo, mulheres idosas e aposentadas, realizam visitas de porta em porta nas casas e também nas escolas, no campo e na cidade, no município onde irá ocorrer a romaria. Ação feita geralmente em duplas, com o apoio ou não de um/uma agente da comunidade católica anfitriã.

Como me disse uma missionária-romeira de Ipatinga-MG, Sirlene Auxiliadora<sup>17</sup>, 74 anos, “missão não é passeio, é compromisso”. Segundo ela, é o momento de ouvir os “clamores” do lugar. Trata-se de um “compromisso ético com as famílias que acolhem” os missionários, os romeiros e a romaria em sua comunidade. Assim, as missões tem uma importância capital para as Romarias do Rio Doce, por serem através delas que se faz o trabalho de divulgação “boca a boca”, visitando-se o maior número de casas do lugar, católicas ou não, a fim de se ouvir os “clamores” (denúncias e anúncios) do local, falar sobre o tema e o lema da romaria e mobilizar as pessoas locais, convidando-as, para participarem da caminhada, no domingo, dia da romaria.

São oportunidade também para as/os missionárias/os-romeiras/os, vindas/os de outras cidades/paróquias/dioceses, conhecerem a realidade local. Tudo isso, para que no dia da caminhada, o que se ouviu, viu, viveu, rezou-se e se debateu durante a semana –

---

<sup>12</sup> Isto é, as quatro Dioceses da Província Eclesiástica de Mariana, somadas às Diocese de Guanhões (MG), de Colatina (ES) e à Arquidiocese de Vitória (ES).

<sup>13</sup> Em termos ênicos, a Romaria do Rio Doce “É uma romaria que é carregada de santo, [...]. É romaria! Nós nunca fizemos caminhada da terra. É romaria! Romaria é Igreja. Por mais que eu traga os movimentos, mas ela é romaria” (Lucimere Leão em entrevista, 17.04.2024).

<sup>14</sup> Em entrevista, 17.04.2024.

<sup>15</sup> Que inclui também reuniões preparatórias *online* e presenciais no local que sediará a romaria, um seminário de formação e envio dos/as missionários/as em suas paróquias e, em alguns casos, a realização de seminários temáticos para debates acerca do tema e lema da romaria e a participação em ações da Igreja Católica local, a fim de divulgar a romaria.

<sup>16</sup> Em entrevista, 17.04.2024.

<sup>17</sup> Em entrevista, 16.04.2024.

nas visitas, nas celebrações nas comunidades do tríduo da romaria e na reunião de avaliação das missões – possa ser melhor “traduzido”<sup>18</sup>, por meio de palavras (faladas e cantadas), sons, cores e gestos, durante a caminhada da romaria.

No caso das Romarias do Rio Doce, precede também a caminhada uma celebração de Vigília, no sábado, na noite anterior à caminhada. Nesse momento, geralmente é onde os “clamores” são materializados na mística<sup>19</sup>, na fala de quem celebra (padres e leigos) e de algumas pessoas da paróquia local, convidadas a contribuir com a liturgia ou que se dispõem a falar sobre sua realidade.

No “grande dia”, logo no raiar do dia, começam a chegar as caravanas vindas das várias cidades para participarem da romaria. Logo que chegam, já encontram uma acolhida com café da manhã, preparado e oferecido pela paróquia local e pela organização da romaria, com a contribuição de muitos missionários-romeiros, leigos e leigas locais. A animação começa desde cedo, assim que o caminhão de som chega. Quando se vê que as caravanas, algumas autoridades do Clero e alguns convidados importantes chegaram, dá-se a abertura da romaria e o início da caminhada.

A caminhada do ponto de concentração até o local de chegada/celebração de encerramento da romaria é feita com paradas para reflexão, que podem envolver ou não a realização de uma mística e do afinçamento da cruz, momentos em que algumas pessoas são designadas a falar no carro de som, para fazerem *denúncias* e/ou *anúncios*. A distância a ser percorrida varia a cada ano, podendo ser longa ou curta, a depender da rota que se procura evidenciar (p. ex., em Conceição do Mato Dentro, na quinta edição, andamos um pouco mais que quatro quilômetros, e em Regência, na sexta edição, andamos ‘meros’ novecentos metros). Geralmente, na escolha dos locais de início, meio e fim da romaria, dá-se destaque a locais tidos como marcantes para a comunidade local como capelas, Santuários, Catedrais, etc., bem como lugares que possuem relação com as águas, rios ou mesmo com a mineração ou o crime-desastre do rompimento, como a portaria da Vale (em Itabira), margens de rios e pontes sobre os mesmos (Resplendor, Ponte Nova, Conceição e Naque) ou mesmo a foz do rio Doce (Regência, Linhares).

Caminha-se até o local da celebração da missa, onde todos romeiros participam da missa campal, com a leitura ao final da carta-compromisso da romaria, rito que pode ser seguido de afinçamento da cruz em alguns casos (se não feito em alguma das paradas,

---

<sup>18</sup> Lucimere Leão, em entrevista, 17.04.2024.

<sup>19</sup> Quero dizer, “um determinado momento celebrativo, que pode ser, por exemplo, uma encenação teatral, uma apresentação musical, ou a declamação de um poema” (Rolemberg, 2021, p. 3).

durante a caminhada). O encerramento se dá com a distribuição das “lembrancinhas” da romaria e um almoço, seguido do retorno das caravanas para seus locais.

Isto é, em cada romaria, além das lembranças que podem ser compradas (camisas e faixas para amarrar no chapéu ou na cabeça com a identidade visual da romaria), quem participa leva para casa uma série de *souvenirs* do evento distribuídos pela organização, como o santinho com a oração da romaria, cancionero, cartilha do tríduo, cruzeiros, bem como as “lembrancinhas” da romaria entregues ao final da romaria (p. ex., vidrinhos plásticos adesivados com a identidade visual da respectiva edição da romaria cheios com água do rio Doce junto com a areia da praia de Regência, ou com água da nascente do rio Santo Antonio, benzidas pelos bispos) e a impressão da carta-compromisso com os “clamores” reunidos ao longo do processo longo de preparação e vivência missionária no local onde a romaria ocorreu.

Marca também toda edição da romaria o rito do afinamento da cruz da romaria, que pode ser carregada ou não pelos romeiros e romeiras durante a caminhada. Como dito, o afinamento pode ser feito durante alguma das paradas da caminhada ou após a celebração da missa de encerramento.

O patrono da romaria é São Francisco, santo cuja invocação está relacionada à simplicidade, ao amor pelos pobres, à natureza e à proteção dos animais. Assim, durante a romaria, “sempre é o São Francisco e uma Maria”<sup>20</sup> que são carregados nos andores, podendo, em alguns casos, contar também com a presença da imagem de mais algum santo<sup>21</sup>. Como testemunhei, para alguns dos desafios enfrentados pela organização para a realização da romaria, ou mesmo em relação aos obstáculos identificados ao longo do percurso no dia da romaria, a proteção de São Francisco (as vezes, de Santa Clara) é invocada.

A mesma romaria, mas permanentemente outra a cada edição, todas as Romarias do Rio Doce celebram o mesmo tema, “Bacia do Rio Doce, Nossa Casa Comum”, e, em decorrência da adaptação às diferentes águas, povos e questões pertinentes a cada diocese/paróquia/território onde acontecem, variados lemas<sup>22</sup>. Assim,

---

<sup>20</sup> Lucimere Leão em entrevista, 17.04.2024.

<sup>21</sup> Como foi na sétima edição, em Naque, que, além das imagens de São Francisco e de Nossa Senhora da Abadia da Água Suja, contou com a imagem de Santo Antonio, padroeiro da paróquia anfitriã.

<sup>22</sup> Na primeira edição da RATBRD o lema foi “Corresponsabilidade de todos frente à vida ameaçada”; na segunda foi “Povos, terras e águas clamam por justiça”; na terceira, “Cuidando da terra e plantando água, com justiça e soberania popular”; na quarta, “Vão-se os bens da Criação, ficam miséria e destruição! E agora José?”; na quinta, “Aos pés do Bom Jesus, cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida”; na sexta, “No princípio, o Espírito de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1, 1-2) e na sétima, “Construindo novos céus e nova terra, com repactuação justa e participação popular”.

Como forma de atender a cada região, a Romaria vai incorporando novas características, se moldando e tornando-se próxima à realidade local, visto que as demandas pautadas para a reflexão são trabalhadas previamente nas bases, tanto da paróquia que sedia o evento quanto das demais que são convidadas a participar (Guimarães; Silva; Faria, 2020, p. 37).

Enfim, com mudanças conjunturais necessárias para a realização da romaria em diferentes contextos, em linhas gerais, o que narrei até aqui é o cenário que se vê desenrolar a cada edição da Romaria da Bacia do Rio Doce. A seguir, apresentarei os principais aspectos da quinta edição, ocorrida em Conceição do Mato Dentro, buscando comunicar alguns dados pensar a situacionalidade e as tensões que envolveram o *fazer romaria* nesta cidade minerária.

### **Situacionalidade: Conceição do Mato Dentro**

Distante cerca de 170 km de Belo Horizonte, o município de Conceição do Mato Dentro – doravante, Conceição – está situado na Região Central de Minas Gerais, mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, na vertente oriental da Serra do Cipó da Cordilheira do Espinhaço, mesma cordilheira onde está situada a mina de Fundão, da Samarco/Vale/BH Billiton, em Mariana, onde ocorreu o desastre-crime a que a Romaria do Rio Doce busca fazer memória. Conhecida como “capital mineira do ecoturismo” por conta de suas belezas naturais, como zona de transição, seu bioma é composto por Mata Atlântica e Serrado (ambos, biomas ameaçados pelo “progresso”) e local onde nasce o rio Santo Antonio, um dos principais afluentes do rio Doce, hoje ameaçado pela mineração<sup>23</sup>.

Surgida da expansão violenta do projeto colonial extrativista da Coroa Portuguesa para os sertões do país, na época do ciclo do ouro e diamantes no século XVIII, atualmente, o município possui uma população de 23.163 pessoas (IBGE, 2022) e vive o segundo ciclo da mineração, iniciada com a extração do minério de ferro em 2014, cuja licença prévia se deu em 2008, acompanhando o *boom* das *commodities* no setor mineral no início do século XXI. No município está situada a mina de minério de ferro a céu aberto Sapo-Ferrugem, com vida útil prevista para 40 anos, que integra o complexo

---

<sup>23</sup> Como traz Jácome (2016, p. 39), “se no período entre 1943 e 1989 o Departamento Nacional de Produção Mineral registrou 26 direitos minerários para o município de Conceição do Mato Dentro, entre 2001 e 2009 totalizavam 193 os direitos minerários registrados, o que confirma a rápida expansão da exploração minerária, bem como suas consequências ambientais e sociais para essa região”. Sobre os impactos diretos ao rio Santo Antonio, cf. Mortandade de peixe... (2015), Tubulação de mineroduto... (2018) e Rodrigues (2018).

minerário Minas-Rio, da corporação transnacional Anglo American. Projeto que consiste em um sistema integrado que compreende a referida mina, um mineroduto de 530km – cuja água para o bombeamento da polpa de minério e demais processos industriais é captada no rio do Peixe, bacia do rio Doce, no município de Dom Joaquim – atravessando 32 municípios de Minas Gerais e Rio de Janeiro e um porto, em São João da Barra-RJ.

Um projeto que possui o “maior moinho de minério do mundo”<sup>24</sup> e “maior mineroduto do planeta” (Maior moedor..., 2015, p. 8) que se utiliza de um “um dos recursos naturais mais caros à população, a água (Milanez, 2012 apud Jacomé, 2016, p. 39) para o envio da polpa de minério, com uma vazão que “envia por hora aproximadamente 2.500 litros de água que são despejadas no mar do Rio de Janeiro” (Agenda ambiental..., 2015, n. p.). O projeto ainda prevê a exploração da Serra da Ferrugem (Jacomé, 2016) e, recentemente a Vale assinou um acordo com a Anglo American para adquirir 15% de participação acionária e estabelecer uma parceria para a exploração do da Serra da Serpentina (Vale..., 2024), distante apenas 3km de Conceição, que entre outros impactos, prevê a instalação de 18 cavas e um mineroduto de 107 km até Nova Era-MG (Dotta, 2022; MG: comunidades..., 2023).

Diferentemente de Mariana, neste contexto de exploração mineral não ocorreu um rompimento de barragem, mas, nem por isso o território se encontra livre dos impactos, violações de direitos humanos, conflitos e lutas sociais decorrentes do empreendimento que, faz, em consequência emergir uma série de atores e ações coletivas de enfrentamento e denúncia do problema. Em síntese, tanto por disputa por terra/território e quanto por água, o território é marcado por uma série de conflitos socioambientais desde que o empreendimento se implantou<sup>25</sup> – que, no fim, como reflete Taussig (2010), trata-se de um conflito entre dois cosmos, duas economias políticas (uma regida pela racionalidade tradicional/ancestral/camponesa e outra por uma racionalidade produtivista/jurídica) e dois modos de atribuir valor à água e a terra (*valor de uso* e *valor de troca*), que acabam por legar diferentes regimes de verdade.

Do ponto de vista religioso e cultural, a região é muito rica e diversificada. Quero dizer, trata-se de um contexto etnográfico que guarda ‘reminiscências’ de um catolicismo

---

<sup>24</sup> Título de uma matéria de jornal que uma interlocutora, católica, nascida e criada em Conceição me fez questão de enviar após nossa entrevista, para eu ter em meus arquivos da pesquisa. O termo é utilizado pelo pároco à época da acolhida da romaria no município, padre João Evangelista, quando me explicou o rascunho feito por ele para a identidade visual da quinta romaria, em Conceição. Como disse ele, explicando-me seu desenho feito a lápis, para compor a arte “eu até pensei, de repente um símbolo da mineração, *aquela máquina que mói a rocha*, por exemplo” (conversa Whatsapp, 2020, grifo meu).

<sup>25</sup> Para uma ficha técnica completa da luta e resistência ao projeto, cf. GESTA/UFMG (2019).

muito antigo, cuja paróquia tem muito a oferecer em termos de “repertório” através dos entrelaçamentos de seu ator-rede, baseado em uma série de festas religiosas populares e seus saberes-fazeres. Isto é, além das tradicionais festas organizadas pelos grupos de congadas e marujadas, as procissões até os cruzeiros nas zonas rurais etc., Conceição possui um dos mais antigos jubileus ligados à devoção do Bom Jesus de Matosinhos.

Assim, Conceição conta com um importante Santuário, o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (Figura 1), um santuário na “colina”, “palco de romarias” (Turner; Turner, 1978) em torno do qual, em decorrência da devoção ao santo, realiza-se anualmente desde 1787, a festa do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos que congrega romeiros e romeiras vindos de diversos lugares do país para pedirem e agradecerem as bênçãos e prestarem homenagem ao santo (Jácome, 2016), que conta com várias missas e procissões ao longo de sua programação e uma grande procissão em seu encerramento. Tal festa de santo, portanto, é “uma das maiores festas religiosas do Brasil” (Celebração do Jubileu..., 2018), e conseqüentemente, “a maior festa da cidade” (Jácome, 2016, p. 31) e a de maior importância no calendário municipal, contra a qual não é possível competir em agenda<sup>26</sup>.

Figura 1 – Santuário do Senhor Bom Jesus do Matosinho em dia de Jubileu



Foto: Pamela Ribeiro. Fonte: Celebração do Jubileu... (2018).

<sup>26</sup> Para saber mais sobre o Jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinho, cf. Jácome (2016).

## O fazer romaria nesta cidade minerária: a quinta Romaria da Bacia do Rio Doce

A devoção ao Bom Jesus de Matosinhos, de tão central para a comunidade católica concepcionense e para o município e região de um modo geral, fez-se presente no lema da quinta Romaria da Bacia do Rio Doce, que foi “Aos pés do Bom Jesus, cuidar da Mãe Terra, das Águas e da Vida”. Não só, o contexto minerário também se fez presente através da identidade visual da romaria (Figura 2), na *denúncia* composta pelos elementos como as cercas com a placa “acesso restrito: propriedade particular” (que formam uma coroa de espinho, símbolo de martírio do Bom Jesus, mas também dos atingidos pelo Minas-Rio); na “máquina que mói a rocha” para retirar o minério de ferro, estilizada com um cifrão; no veículo fora de estrada que o retira o e o transporta; no terreno desmatado e na água poluída que desce desde o alto do coração.

Figura 2 – Identidade visual da quinta Romaria da Bacia do Rio Doce



Arte: Samuel Ulhôa (2020).

O anúncio a que se propõe a romaria também se fez presente nas mãos negras, com as chagas de Cristo, acolhendo esse coração martirizado, em meio a uma multidão de romeiros e romeiras, cujo brado se lê em um dos cartazes: “águas para a vida”. Tal arte, estampada nos materiais de divulgação e formação, circulou pelas dioceses do rio Doce, e sobretudo, através dos cartazes e folders, circulou por Conceição nos dias que antecederam a caminhada, e marcou a paisagem, podendo ser visto no comércio, nas igrejas e nas ruas de modo geral. No dia da caminhada, estampada nas camisas, faixas de

cabeça e nas faixas que vão à frente da caminhada, também marcou a paisagem, conferindo uma identidade *sui generis* para os romeiros e romeiras que participaram desta edição da romaria.

Em decorrência das adversidades causadas pela pandemia de Covid-19, a quinta edição da Romaria do Rio Doce durou três anos (2020-2022). De outro modo, durante pandemia, como “uma forma de manter o vínculo dos fieis” (Guimarães, 2022, p. 121), a preparação para a romaria seguiu com a realização de eventos pré-romaria virtuais, transmitidos via *Facebook* e *Youtube*. Assim, em 2020 foi celebrado um tríduo (de 15 a 17 de julho) e uma missa, no dia 19, presidida por Dom Otacílio, bispo diocesano de Guanhões, na Catedral de São Miguel, em Guanhões<sup>27</sup>.

Dando seguimento, em 2021, foi realizada uma missa na Paróquia de Sant’Ana, em Abre Campo-MG, Arquidiocese de Mariana, celebrada em memória da “luta e missão” dos padres Ernesto e Nelito Dornelas – principais idealizadores e organizadores da Romaria do Rio Doce, que vieram a óbito no período da pandemia, sendo o último uma vítima da doença e ambos *permanecendo presentes* (Vieira, 2015; Souza, 2016) “na luta” como “testemunhos de fé” nos estandartes que são carregados, junto com os demais estandartes dos “mártires da caminhada” durante as Romarias.

Sendo só em 2022 que a romaria pôde ocorrer presencialmente em terras concepcionenses, acontecendo excepcionalmente – em razão de não ser possível a realização em junho, por conta do Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos – em setembro de 2022, o que trouxe diversas implicações para a organização do evento e para a articulação e participação de alguns missionários e romeiros, inclusive, com um impacto no número de participantes na caminhada<sup>28</sup>.

Para a semana missionária compareceram em torno de 40 missionárias/os, que rodaram pelos bairros e zonas rurais de Conceição, de 30 de agosto a 3 de setembro de 2022. Um dado interessante, como me relatou uma moradora, católica, esposa de um funcionário terceirizado da Anglo American<sup>29</sup> e que reside no bairro Bougainville – construído para receber os funcionários da empresa e alguns assentados das comunidades

---

<sup>27</sup> A propósito desse evento, vale cf. Guimarães (2022).

<sup>28</sup> Afinal, em setembro, figura também na agenda desse coletivo que se envolve com a Romaria, a participação, por exemplo, no Grito dos Excluídos, geralmente feito no dia 7 de setembro. Além disso, sendo setembro de 2022, foi uma data muito próxima das eleições majoritárias, o que impediu, por exemplo, algumas figuras importantes e costumeiras em outras edições da romaria – animadores e autoridades –, porque candidatos aos cargos de deputado estadual ou federal, de subirem ao caminhão de som para poderem falar.

<sup>29</sup> D., 39 anos, em entrevista, 04.04.2024.

rurais atingidas que negociaram suas saídas de suas comunidades com a empresa –, as missões não passaram por lá e moradores desse bairro, por orientação do pároco, mesmo que se dispusessem como (foi o caso de minha interlocutora), não puderam acolher missionários/as da quinta romaria em suas casas para “não se comprometerem”. Situação que diz muito da forte presença da mineração e de um contexto de vigilância e silenciamento acerca das críticas à essa atividade e à empresa na cidade, muito por medo de processos e de não se conseguir emprego na área. Da parte dos missionários/as, muitos foram os relatos da insatisfação das pessoas com a situação a que a cidade está submetida após a mineração, mas também houveram relatos de pessoas que defendem a atividade e o empreendimento, bem como relatos de famílias que não abriram suas portas para recebe-los.

Ao longo dessa semana também foi momento de preparar os materiais para a romaria (os estandartes, as “lembrancinhas”: as cruces com fitas coloridas e garrafinhas com água da nascente do Santo Antonio, etc.), separar o material para ornamentação do palco da missa campal e do caminhão de som, visitar as escolas, fechar e testar a rota da caminhada, terminar de preparar a liturgia da vigília, da abertura da romaria e da missa de encerramento, de avaliar o que foram as missões para terminar de redigir a carta-compromisso da romaria, preparar a cruz e pensar o local para o seu afinçamento, terminar de organizar a sonorização da caminhada e da missa, conferir e confirmar as caravanas que estariam presente, que horas chegariam e onde estacionariam os ônibus, combinar o preparo do café da manhã da acolhida e o almoço do encerramento, etc.

Todo esse processo, geralmente, é marcado por tensões e desentendimentos da coordenação da Romaria (vinda de fora) com o pároco e com o poder público local. No caso de Conceição, esses querelas se deram muito em decorrência da mudança de rota da romaria com ruas interditadas em dois pontos da cidade por obras de manutenção nas redes de esgoto abertas pela prefeitura na semana da Romaria, o que fez aumentar a distância, e que uma moradora da cidade, católica e ativista de movimentos de resistência à mineração, disse que seria para “esconder a romaria”<sup>30</sup> – o que outro interlocutor, organizador da romaria disse ser “sempre a mesma história onde acontece a romaria”<sup>31</sup>.

Mas, também em razão: da escolha do local de estacionamento dos ônibus da caravana combinado pelo pároco com o poder público, que, na concepção de Lucimere, ficou muito distante do local da concentração da romaria, dificultando o deslocamento

---

<sup>30</sup> Nota de 03.09.2022, Caderno de Campo, f. 57.

<sup>31</sup> Nota de 02.09.2022, Caderno de Campo, f. 53.

para romeiros/as, muitos idosos, cansados da viagem até o local de início da romaria; de algumas mudanças na liturgia da missa final que ‘amenizou’ a mensagem mais crítica da homília; da pouca presença do pároco nos dias que antecederam a romaria e mesmo no dia da caminhada. Presenciei também um conflito acerca dos materiais sobre conscientização ambiental e com informações sobre os atrativos naturais do município que a Secretaria Municipal de Meio Ambiente se propôs a distribuir no dia da caminhada. Muitos dos materiais, por conterem a logo da empresa, não foram aceitos e não foram permitidos de serem distribuídos.

Como disse padre João Batista, 58 anos, da Diocese de Caratinga e membro da Comissão de Meio Ambiente da Província Eclesiástica de Mariana, relatando alguns casos de perseguição e dificuldades enfrentadas em outras edições da romaria (recorrentes também nas falas de organizadores/as que entrevistei), quando a mineração já está avançada no local designado para se fazer a Romaria do Rio Doce, é muito difícil colocar a romaria na rua. Valendo-se da metáfora da Casa Grande e da Senzala, ele disse “simbolicamente [...] [é o mesmo que] celebrar a missa na capela da fazenda”<sup>32</sup>.

Na noite de sábado, 4 de setembro, foi feita a vigília no adro do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. E no dia 5 de setembro, ao nascer do sol de domingo, começaram a chegar as caravanas de romeiras/os vindos das paróquias das dioceses da bacia do rio Doce. Como disse Turner (2008), as peregrinações “podiam muito bem constituir uma rede interligada de processos, cada qual envolvendo uma viagem de e para um lugar específico” (p. 176). Assim foi com a quinta Romarias da Bacia do Rio Doce, que contou com a presença de romeiros/as e vindas das quatro dioceses do rio Doce, da Diocese de Guanhães e, em menor número, de outras dioceses e localidades de Minas Gerais, especificamente, das microrregiões do Vale do Rio Doce, Metropolitana de Belo Horizonte, Zona da Mata e Central Mineira.

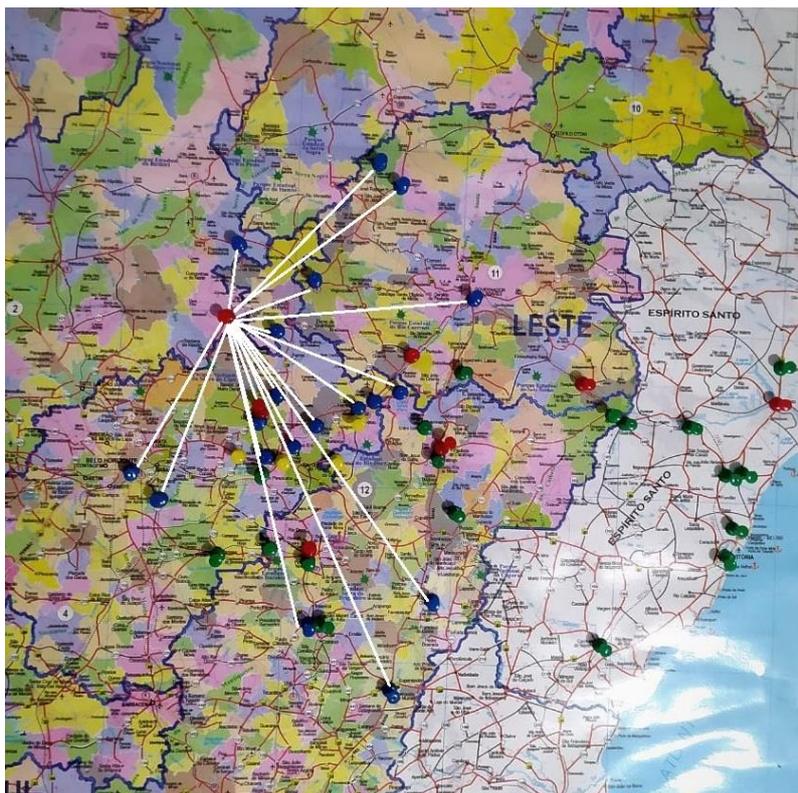
Assim, estiveram presentes missionários/as e romeiros/as de paróquias de Serro, Guanhães, São Sebastião do Maranhão, Santa Maria do Suaçuí, Governador Valadares, Santa Maria de Itabira, João Monlevade, Nova Era, Antônio Dias, Coronel Fabriciano, Ipatinga, Ipaba, Belo Horizonte, Rio Acima, Viçosa, Muriaé e Divino (Figura 3). Muitos ligados às CEBs, mas a outros movimentos e pastorais da igreja, além de pessoas ligadas a movimentos sociais e organizações da sociedade civil, como, para citar alguns, ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), ao Movimento pela Soberania Popular

---

<sup>32</sup> Em entrevista, 30.04.2024.

na Mineração (MAM), ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento pelas Serras e Águas de Minas (MovSAM), ao Centro de Defesa dos Direitos da Natureza (CDDN), aos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, etc. A romaria contou ainda com a presença de um grupo de indígenas pataxó de Carmésia, convidados a falar durante a primeira parada da Romaria, na Praça da Bandeirinha.

Figura 3 – Mapa de abrangência da quinta Romaria da Bacia do Rio Doce<sup>33</sup>



Fonte: O autor (2024).

Assim, como diz Lucimere, o local que já possui um Santuário, tornou-se um outro tipo de santuário, um “santuário do povo”, onde as pessoas se colocam na rua para fazer todo debate, mas também [...] entender uma outra história”<sup>34</sup>, ligada ao *fazer a luta* (Comerford, 1999). Ou, em outros termos, um “círculo de devoção” (Fernandes, 1994) com um centro sagrado que irradia o numinoso, pelas proximidades e ruas do local onde

<sup>33</sup> Ainda por ser enviado para tratamento cartográfico, a versão produzida manualmente, procura comunicar informações sobre as cidades que receberam as Romarias da Bacia do Rio Doce em suas 7 edições (pinos vermelhos no mapa), além de espacializar a participação, por cidade, dos participantes da quinta (pinos azuis) e sexta romaria (pinos azuis, verdes e amarelos). Nesse texto, interessa-nos apenas os dados da quinta edição.

<sup>34</sup> Em entrevista, 17.04.2024.

se celebrou a quinta Romaria, congregando um grande contingente de romeiros/as de Conceição (em menor número)<sup>35</sup> e vindos de longe, formando “um desenho semelhante a uma estrela cujos raios refluíam sobre o seu centro” (*Ibidem*, p. 22).

Impactado ainda pelo tempo da pandemia de Covid-19, a participação a Romaria contou com a presença de um pouco mais que duas mil participantes (Azevedo, 2022, n. p.; 5ª Romaria..., 2022), entre pessoas locais, de Conceição e membros da coordenação, clero, missionários, romeiros/as vindas de fora. Com a abertura da caminhada prevista para as oito horas da manhã, a caminhada começou com aprox. 30 minutos de atraso, e “foi conduzida pela missionária da Romaria, Selma Damasceno, e pelo pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em João Monlevade, padre Marco José de Almeida” (5ª Romaria..., 2022, n. p.), que contaram com o apoio do artista popular Antônio Baiano na animação, de algumas mulheres da Pastoral Afro-Brasileira na cantoria e de alguns membros do MAM na percussão.

Figura 4 - Rota da quinta Romaria do Rio Doce



Fonte: O autor (2022), registrado pelo aplicativo Strava.

Num percurso de um pouco mais de quatro quilômetros (Figura 4), feito em aprox. uma hora, foi feito ao som da cantoria e das palavras de pe. Marco e outros padres que

<sup>35</sup> A pouca presença de pessoas locais foi explicada pela pandemia de Covid-19, mas não só. Nos dias que antecederam a caminhada muito ouvi sobre a participação de leigos e leigas de Conceição em outra romaria, em Curvelo-MG, no âmbito da 105ª Oitava de São Geraldo. Pelo que conversei na cidade, é costume de os conceicionenses frequentarem essa festa, todavia, os rumores a época é de que foram 20 ônibus, alguns custeado pela empresa, enviados para desarticular a romaria do Rio Doce (informação que não cheguei).

iam rezando e puxando os cantos da romaria, gritos de ordem, e falas de algumas pessoas chamadas ao carro de som para falarem, e contou com 3 paradas, que em síntese podem ser descritas assim:

Na primeira parada, os romeiros ouviram o clamor dos povos originários, por meio do depoimento de um representante do povo Pataxó, que vive no município de Carmésia. O genocídio dos povos indígenas e os impactos ambientais causados pelas mineradoras e pelos grandes empreendimentos foram os principais pontos denunciados pelos Pataxós que estavam presentes na caminhada. A segunda parada da Romaria foi marcada pela cerimônia do lava-pés, fazendo memória aos romeiros que vinham das comunidades rurais para o Santuário do Senhor Bom Jesus do Matosinhos e paravam na ponte sob o córrego que leva justamente o nome de Lava Pés. As romeiras e os romeiros lavaram seus pés contra as mineradoras e a sentença de morte decretada contra os rios, denunciando o sofrimento e a morte generalizada causada pelos grandes empreendimentos, que visam o lucro em detrimento da vida. A terceira e última parada foi marcada pelo levantamento da cruz da Romaria da Bacia do Rio Doce<sup>36</sup>, momento em que se fez memória à Santa Cruz de Jesus, do povo oprimido, dos atingidos pela mineração e dos mártires que tombaram em defesa da vida. Nessa parada, romeiras e romeiros receberam a benção do cruzeiro (5ª Romaria..., 2022, n. p.).

Além dessas paradas, houve uma ‘quase’ parada próximo à Câmara dos Vereadores, quando Frei Gilvander, 60 anos, agente pastoral da CPT, fez a fala mais contundente da romaria feita do caminhão, que como ouvi, foi o momento mais crítico da romaria. Como disse ele, em uma fala de aprox. sete minutos:

[...]. Essa região aqui, de Conceição do Mato Dento, do estado de Minas Gerais era um santuário natural e ecológico, ambiental, sagrado, cultural, histórico. Uma maravilha. Mas, chegou na região o *dragão do Apocalipse*, chamado mineradora Anglo American, com a cumplicidade do Estado Brasileiro. E nós precisamos ter clareza, porque no segundo versículo da Bíblia está escrito que o *Espírito de Deus está nas águas*, permeia, perpassa as águas. Água é fonte de vida, [...]. Então, quem, por omissão, cumplicidade ou por projeto de idolatria do capital, vai matando as fontes de água comete o *pecado mortal, o pecado contra o Espírito Santo. O pecado que não tem perdão*. [...]. Então mineração, meus caros *irmãos e irmãs*, romeiros e romeiras... é claro que ninguém é ingênuo, um pouquinho de mineração precisa, mas é o mínimo pra gente ter o estilo de vida simples e austero. Mas, a mineração capitalista, com essa *gula* sem fim é uma *coisa satânica, diabólica*. Gera lucro e acumulação para uma minoria de acionistas, que, principalmente internacionais, está sacrificando o nosso querido estado de Minas Gerais. Então, *em nome da vida*, em nome das crianças, em nome das próximas gerações [...]. Sigamos firmes, com a *luz* e a *força divina*, com a presença dos mártires que caminham *vivos e ressuscitados em nosso meio*, com a presença da *mãe terra*, da força da *vida*, com a presença da *irmã água* e da [inaudível] biodiversidade. Sigamos firmes lutando para construirmos uma sociedade com justiça agrária, com justiça urbana, com justiça ambiental com a superação de todas as discriminações, porque o *Deus da vida*, invocado sob tantos nomes, quer sejam construtores da paz [...]. Sigamos firmes, unidos, irmanados e irmanadas nessa caminhada,

---

<sup>36</sup> Feita de braúna vinda da demolição de fazendas desapropriadas por conta da abertura da mina, preparada por um restaurador da cidade, da comunidade quilombola de Cubas, para, conforme disse o pároco, “durar mais 200 anos”.

sendo não apenas aqui na romaria, mas todos os dias de nossa vida (grifos meus).

Após essa fala, romeiros e romeiras seguiram a caminhada, rumo ao Santuário, onde fizeram o afinçamento da cruz da romaria, como marco de memória do evento no local – cuja placa afixada em seu madeiro informa a mudança de um tempo (como se lê, “Marco da V Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce. Conceição do Mato Dentro, 04 de setembro de 2022 [...]. Esse evento marca também o fim da pandemia do Covid-19”) – e onde a missa de encerramento foi celebrada “por D. Otacílio e concelebrada por inúmeros padres, diáconos, seminaristas, romeiros e romeiras, concluindo com a partilha do almoço para todos os presentes” (Azevedo, 2022, n. p.).

\*\*\*

Como procurei descrever, esse coletivo de romeiros e romeiras da Bacia do Rio Doce, transformou com suas cores, gestos, vozes, sons, estandartes, cruzeiros, faixas e cartazes o tempo pacato do domingo de Conceição e suas ruas (cotidianamente, marcadas pelo vai-e-vem de homens e mulheres uniformizados, carros 4x4, ônibus indo e vindo da mina, em meio ao cotidiano de uma cidade do interior, com suas outras temporalidades). Em algumas casas, inclusive, foi possível ver as janelas e sacadas devidamente preparadas para a passagem da romaria. Durante a caminhada da romaria, pode se dizer que houve “uma apropriação simbólica” do espaço, em que “sobre ele se sobrepõe uma série de representações, inclusive com associações a passagens bíblicas” (Menezes, 2000, p. 321).

Como conversei com Lucimere, a propósito da segunda parada, da mística do lava-pés:

Lucimere: Que é a questão da água. Onde você também não tem é, é... essa questão do rio, que ele vem como força, a romaria também ela perde um pouco essa mística. Acho que é isso também que a gente tem que tomar o cuidado. Como é... qual... como que você traz esse elemento, da água. Em Conceição a gente não trouxe, né. É, que você caminhar, você olhar, você observar, você ouvir o lamento e o clamor do próprio rio. Que essa é a diferença também desse sentido do santuário que a gente traz, é o que que... aquela terra, e o que que aquelas águas está pedindo pra gente? [...]. Então acho que esse é um pouco, é isso também que a gente quer trazer de elemento forte, que a própria natureza nos traz, né.

Eu: Bom, em Conceição até teve, né, o elemento água, mas, foi de um outro modo. Eu lembro que a parada lá da, da Ponte Lava Pés, foi o momento em que a gente fez uma reflexão, e praticou, né, uma reflexão mais próxima do Santo Antonio ali, porque passa um rio, mas bem pequenininho [na verdade um córrego, o Córrego da Praia, que desagua no Santo Antonio], né, debaixo daquela ponte... teve o lava-pés mesmo, né. O ato do lava pés. Que foi

lembrado em algumas entrevistas, né, lá em Conceição. É... me fala um pouco mais essa relação? Como você viu essa relação, né? Já que você falou do lamento, né... como é que foi lá?

Lucimere: Então... foi, foi a forma que a gente achou. É... como é que, aquele córrego, praticamente morto. Então como é que você trazia é... porque o problema, as pessoas elas trabalham com o que elas veem, né. O imaginário é o que você consegue ver, não é o... e a Romaria tem, na romaria, cê... o cuidado que a gente deve ter, como que você trabalha o imaginário, uma perspectiva de você ter 4.000 pessoas, então, nem todo mundo vê, né. E simbolismo... e símbolo você não explica, né. [...]. Mas, na romaria, você acaba que, tem que trazer um pouco, né... a narrativa do que você está fazendo, as pessoas que estão longe não conseguem ver. Ali, a ideia foi isso, né. Como é que você [...] traz a... como é que você, naquele momento, com a água, você pede perdão, que o lava-pés envolve isso, né, é você... você fazer, você fazer o que o outro está fazendo, entendeu? É você igualar o outro e você pedir perdão, né. Então neste aspecto [inaudível], dessa atitude mesmo, de estar lavando os pés, mas ao mesmo tempo pedir perdão por tudo que tem feito com nossas águas. Aquele momento ali. Que é uma forma que a gente encontrou também... de mostrar que ali tem um córrego, que aquele córrego está morto, como é que a gente pode trabalhar a ideia do perdão e do sentido de, da recuperação daquele córrego<sup>37</sup>.

As romarias qualificam o espaço (Fernandes, 1982). Como escreveu o antropólogo, “A romaria é mística do espaço, transformação da paisagem” (Fernandes, 1994, p. 14). Assim, ela nos leva do profano ao sagrado por caminhos rotineiros que mudam de feição conforme se avança. Nas romarias, é com os pés que se ora (*Ibid.*) e

[...] no jogo tenso das oposições entre o profano e o sagrado, que constituem o espaço em que existimos, os romeiros em seu percurso afirmam a centralidade do sagrado e, por conseguinte, sacralizam a totalidade do território percorrido. [...], o sacrifício da caminhada adquire o seu sentido próprio, *sacra facere*, faz sagradas as coisas e pessoas ao redor. [...] (*Ibid.*, p. 25).

Assim,

O espaço ganha uma função metafórica e se apresenta como um texto que possibilita o acesso às múltiplas interpretações sobre os quais se funda esta sociedade entre os homens, santos e anjos se encontram diretamente implicativos, através de diferentes formas de trocas e de convivências (Steil, 1996, p. 23).

Nesse processo “A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto” (Bosi, 2003, p. 16). Como debatido na teoria sobre romarias de Sanchis (1983b), nas romarias é onde:

[...]. O sentimento de natureza, [...], encontra, sem dúvida alguma, [...] uma reativação periódica, fora do labor quotidiano, e ao mesmo tempo uma consagração. Por vezes, um outro elemento da natureza reveste-se de um significado religioso característico: água [...], fontes milagrosas, árvores ou plantas [...], rochedos. Mas, [...], sempre relacionado com o objecto principal de devoção, [...].

---

<sup>37</sup> Em entrevista, 08.05.2024.

Que no caso das Romarias d Bacia do Rio Doce, é direcionado a “mãe natureza”, a “irmã água”, o rio Doce (*Watu*), em síntese, na “criação de Deus”, “nossa Casa Comum”. Deste modo, tal como se vê nas romarias devocionais, “O ‘centro’ [sagrado] não é metáfora ou sinal. O sagrado está ali, concreto, material, sensível, passível de ser visto e tocado” (Fernandes, 1994, p. 24).

Como escreve Butler (2018, p. 87), “A rua, o espaço e a via pública [...] são um bem público pelo qual as pessoas lutam”. Ocupá-los através de manifestações de massa (como o é a Romaria em tela), passa pelo “direito de ter direitos” (*Ibid.*, p. 57), poder existir e se manifestar. Assim, “os corpos congregam, [...] se movem e falam juntos e reivindicam um determinado espaço como público”, agregando o próprio espaço, congregando a calçada, organizando e animando a arquitetura (*Ibid.*, p. 52).

Assim, fazer o sagrado no caso da Romaria do Rio Doce é *fazer ver e ouvir* o sagrado nesse “espaço de aparecimento”, a rua (antes de tudo, um “espaço político”), que se materializa na mística em movimento, através de toda a materialidade religiosa que faz o catolicismo ceibista e militante, em sua diversidade de engajamentos, interesses e sentido atribuídos, com suas imagens de santos padroeiros da romaria (São Francisco e uma maria, as vezes mais algum santo), cruces, estandartes dos “mártires da caminhada” e “testemunhos de fé”, faixas, cartazes e ações diretas de protesto, gestos, cheiros, sons, cantos e rezas, falas e gritos de ordem.

Um sagrado, portanto, que colabora para *mostrar*, como se ouviu nas conversas entre os organizadores, a força de mobilização das massas a partir da Igreja, ou melhor, de uma rede de relações – corpos em aliança (Butler, 2018) – que se congregam, maiormente, segundo um catolicismo da libertação vivido, em sua articulação com outros movimentos religiosos (mesmo aqueles teologicamente equidistantes como, p. ex., o movimento carismático) e alguns movimentos sociais<sup>38</sup>, para *fazer memória e denunciar* (Rolemberg, 2021) o crime da Samarco, cobrar justiça e refletir, propor e anunciar um outro mundo possível.

Ao caminhar, por um tempo que não se mede apenas cronologicamente (Turner, 2008, p. 193)<sup>39</sup>, recorresse-se à memória do crime e dos mortos (Vieira, 2015; Souza,

---

<sup>38</sup> Sobretudo, como escreveu Fernandes (1982, p. 29), a romaria é o momento do teste, em que se efetiva (ou não) a aposta feita pelos organizadores e certos setores da Igreja, do acionamento na “fase preparatória [de] uma ampla rede de relações”.

<sup>39</sup> Como reflete Turner (2008), a peregrinação, a caminhada, conduz o peregrino “de um tipo de *tempo* para o outro. Ele não está mais envolvido naquela combinação de tempo sócio-estrutural e histórico, e que constitui o processo social em sua comunidade nativa rural ou urbana, mas re-encena cineticamente as

2016) – o rio Doce; as dezenove vítimas da lama da Samarco, entre eles duas crianças e três idosos; as 272 “joias” perdidas com a lama da Vale em Brumadinho; os “mártires da caminhada” e daqueles que, em vida, estão definhando em razão da predação da mineração – e a atualiza conjunturalmente através da romaria (Fernandes, 1994)<sup>40</sup>.

De outro modo, através de uma romaria que é a mesma (sempre a Romaria da Bacia do Rio Doce), mas permanentemente outra a cada ano (no caso em tela, a quinta Romaria, marcada pelo *zeitgeist* em que foi realizada), faz-se memória com os pés, numa combinação de reza e denúncia, atualizando “uma memória que se configura como denúncia” (Dupin; Martins, 2023, p. 165), ao adicionar à memória do rompimento da Barragem da Samarco/Vale/BH Billiton fatos novos, os “clamores” locais (sobretudo, aqueles relacionados ao convívio conflitivo com a mineração, no caso de Conceição). O que, para além de lembrar aos romeiros e romeiras, e a quem vê a romaria passar, do crime *em si*, faz lembrar de um fato, que até o rompimento, estava fora do radar da população de modo geral e, especialmente, da de Minas Gerais.

Nas Romarias do Rio Doce, o romeiro/a entra “em contato com novas realidades, tanto sagradas como profanas, posteriormente retornando à sua comunidade ‘transformado’” Menezes, 2000, p. 329). Em outras palavras, “[...] através da memória dos acontecimentos e da mística [...] a romaria se renova, se refaz e refazem-se também os compromissos com a própria comunidade a partir da transformação pessoal” (Vieira, 2015, p. 134).

Quero dizer, desde 2016, todo ano a romaria lembra – através da caminhada em si, mas também através de seus marcos deixados nas cidades onde ocorrem, ou por meios das “lembrancinhas”<sup>41</sup> que os romeiros e romeiras levam para suas casas – que o “rompimento de Fundão não acabou”<sup>42</sup> e, de modo mais amplo, lembra à população que desde “novembro de 2015, quebrou-se o elo convencional e o estigma que ainda se resguardava de uma contínua contradição, de não nos percebermos como um país minerador” (Zonta, Trocate, 2016, p. 7). Afinal, os “34 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro despejados na natureza; cerca de 660 quilômetros percorridos

---

seqüências temporais sacralizadas e permanentes pela sucessão de eventos nas vidas de deuses encarnados, santos, gurus, profetas e mártires” (p. 193).

<sup>40</sup> “[...]. O presente da romaria é, sem dúvida, revelador da conjuntura histórica em que se encontra, e o seu perfil é ele mesmo conjuntural. [...]” (Fernandes, 1994, p. 31).

<sup>41</sup> Como reflete Menezes (2000), “[...] a lembrança seria uma forma de materializar esse processo, exportando para a vida cotidiana do devoto a experiência vivenciada no tempo/espaço da romaria” (p. 329-330).

<sup>42</sup> Como escreveu Carlos Andreaza, editor do livro “Tragédia em Mariana” de Serra (2018), mas é como ouvi também no período das entrevistas com alguns interlocutores envolvidos com a romaria.

pela lama no curso do rio Doce; 38 municípios atingidos; 14 toneladas de peixes mortos recolhidas no rio; centenas de milhares de moradores da bacia sem água potável” (Serra, 2018, p. 13), de modo indelével (mesmo que se queira esquecer), marcou a memória coletiva da população para “os efeitos da indústria da mineração para além dos lacônicos bordões ‘superávit primário’ ou ‘equilíbrio da balança comercial’” (Zonta, Trocate, 2016, p. 7).

### **Considerações finais**

A propósito do que se discutiu aqui nesse texto, lembrei-me da resposta da principal organizadora da romaria sobre a questão de até que ponto a Romaria da Bacia do Rio Doce será necessária. Como ela disse, “não se fecha santuários”. Assim, no caso dessa romaria de denúncia, romeiros e romeiras continuarão a fazer (*sacra facere*) “santuários”, ao longo de toda a bacia do rio Doce, por onde caminharem. Continuarão caminhando ritualmente para não deixarem esquecer o que foi e para, como a maioria das pessoas com quem conversei disseram, cobrar justiça enquanto houver impunidade dos criminosos e os atingidos pelo crime (o rio Doce, os territórios, as gentes e as vidas não humanas de Bento Rodrigues até o mar, em Regência) não tiverem sido integralmente reparados.

Assim, como procurei demonstrar, tal romaria pode ser vista como um “fenômeno devocional que insere em sua prática o protesto” (Vieira, 2015, p. 25), que combina “reza” e *denúncia* para *fazer memória* (Rolemberg, 2021; Dupin; Martins, 2023) do crime da Samarco/Vale/BH Billiton, buscar direitos e *anunciar* outro modelo socioeconômico, político e ecológico possível. Assim, tematiza a água e a terra com base num ponto de vista religioso-político orientado pela noção teológica de “opção preferencial pelos pobres” (expressa onticamente nos atingidos pelo crime) e de “defesa da Casa comum” (a Terra e todo o seu ecossistema).

Seus agentes o fazem por meio da ocupação/sacralização do espaço público para, na arena pública, “se fazer ouvir” (Vieira, 2015, p. 81), mostrar suas “crenças visíveis” (Geertz, 1997) fundamentadas em uma ética ambiental holística e sensibilizar (Rolemberg, 2021), para “dentro” e para “fora” do grupo de romeiros/as, sobre o neoextrativismo mineral e seus efeitos predatórios para os atingidos, o rio Doce e a *criação de Deus* (a Terra e a vida) como um todo.

Sem possuir pretensão de esgotar o tema, este trabalho foi apenas uma pequena contribuição com o debate sobre o fenômeno religioso romaria, a produção de memória e espaços sagrados que afeta romeiros, romeiras e transeuntes que veem uma “romaria de denúncia” passar, ressignifica o espaço e reconfigura as cidades; bem como uma pequena reflexão sobre as relações entre religião, política e ecologia.

## Referências

2ª ROMARIA das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce – Doctum TV, 2017. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ga0hgr9PRWU>. Acesso em: 20 jan. 2021.

### 5ª Romaria..., 2022

ADAM, Júlio César. Liturgia como prática dos pés: a Romaria da Terra do Paraná: reapropriação de ritos litúrgicos na busca e libertação dos espaços de vida. **Estudos teológicos**, v. 42, n. 3, p. 52-69, 2002.

AGENDA AMBIENTAL: minerodutos exportam quase 7 mil litros de ÁGUA DE Minas para outros estados por hora. **Sitraemg**, 13 fev. 2015. Disponível em: <https://sitraemg.org.br/agenda-ambiental-minerodutos-exportam-quase-7-mil-litros-de-agua-de-minas-para-outros-estados-por-hora/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

### Azevedo, 2022

### Bosi, 2003

### Butler, 2018

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia (USP)**, São Paulo, v. 39, n. 1, p.13-37, 1996.

CEFAÏ, Daniel. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas**, v. 2, n.4, p. 11-48, 2009.

CEFAÏ, Daniel. Diez propuestas para ele estudio de las movilizaciones colectivas. De la experiencia al compromiso. **Revista de sociologia**, n.26, p.137-166, 2011.

CELEBRAÇÃO DO JUBILEU do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Conceição do Mato Dentro é uma das maiores festas religiosas do Brasil. **Jornal Vila do Príncipe**, 19 jun. 2018. Disponível em: <https://jornalviladoprincipe.com.br/?pg=noticia&id=377>. Acesso em: 15 jul. 2024.

### Comerford, 1999

DOTTA, Rafaella. Megaprojeto da Vale planeja minerar a 3 quilômetros da “capital mineira do ecoturismo”. **Brasil de Fato**, Belo Horizonte, 13 dez. 2022. Disponível em:

<https://www.brasildefatomg.com.br/2022/12/13/megaprojeto-da-vale-planeja-minerar-a-3-quilometros-da-capital-mineira-do-ecoturismo>. Acesso em: 15 jul. 2024.

DUPIN, Leonardo; MARTINS, Marcio. Romaria a Brumadinho: contra monumento em memória das vítimas do crime-desastre da mineração. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 161-172, 2023.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, ano 14, p. 155-161, 2005.

FERNANDES, Rubem César. **Os Cavaleiros do Bom Jesus**: uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERNANDES, Rubem César. **Romarias da Paixão**. Rio de Janeiro 1994

**Geertz, 1997**

GRUPO DE ESTUDO EM TEMÁTICAS AMBIENTAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS [GESTA/UFGM]. **Conflito e resistência à instalação e operação da mina e do mineroduto do projeto Minas-Rio**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/conflito/?id=582>. Acesso em: 31 jul. 2020.

GUIMARÃES, L. E. Romarias Em Tempo De Pandemia: O Caso Da V Romaria Da Terra E Das Águas Da Bacia Do Rio Doce, Minas Gerais. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, Brasil, v. 15, n. 2, p. 121-129, 2022.

IKOI, Zilda Gricoli. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Igreja e camponeses**: Teologia da Libertação e movimentos sociais no campo Brasil e Peru, 1964-1986. São Paulo: Hucitec, 1996.

INGOLD, Tim. Prólogo: a antropologia ganha vida. In: \_\_\_\_\_. **Estar vivo**: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 23-41.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Conceição do Mato Dentro** (Censo 2022). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/conceicao-do-mato-dentro/panorama>. Acesso em: 14 jul.2024.

JÁCOME, GA Turismo Religioso: o caso dialético do Jubileu de Conceição do Mato Dentro (Minas Gerais/Brasil) e da Mineração na região. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 3, p. 30-43, 2016.

MAIOR MOEDOR de minério do mundo. **De Fato**, Região do Médio Espinhaço, n. 14, jul. 2015, p. 8.

MENEZES, R. de C. Devoção e diversão: a Festa da Penha (RJ) como uma romaria. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 60, n. 238, p. 312-340, 2000.

MENEZES, Renata. Apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Antropologia da religião**: autores e temas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023, p. 9-11.

MG: COMUNIDADES se articulam contra novo projeto da Vale, que impactará mais de dez municípios. **Brasil de Fato**, Belo Horizonte, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/06/28/mg-comunidades-se-articulam-contrano-novo-projeto-da-vale-que-impactara-mais-de-dez-municipios>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL [MPF]. Caso Samarco – o desastre. **MPF**, sem data. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/o-desastre>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MORTANDADE DE PEIXES na mira do MP. **De Fato**, Região do Médio Espinhaço, n. 14, ju. 2015, p. 6.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

RODRIGUES, Léo. Mineroduto da Anglo American se rompe pela segunda vez em Minas. **Agência Brasil**, 30 mar. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-03/mineroduto-da-anglo-american-se-rompe-pela-segunda-vez-em-minas>. Acesso em: 15 jul. 2024.

ROLEMBERG, Igor. Ritual, emoções e engajamento militante: a produção em ato da mística na romaria dos mártires da floresta em Nova Ipixuna/PA. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 64, n. 2, p. e186656, 2021.

ROMANO, Jorge O. Discurso religioso e imaginário na luta pela terra. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 4, p. 66-77, jul.1995.

SANCHIS, Pierre. **Arraial, festa de um povo**: as romarias portuguesas. Lisboa: Etnográfica Press, 1983b.

SANCHIS, Pierre. Caminhada Ritual. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 15-26, jun. 1983a.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. **Ciencias Sociales y Religión**, Campinas, SP, v. 8, n. 8, p. 85-97, 2006.

SERRA, Cristina. **Tragédia em Mariana**: a história do maior desastre do Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SOUZA, Edimilson Rodrigues de. Crônicas da morte revivida na luta: uma etnografia da Romaria dos Mártires da Caminhada em Ribeirão Cascalheira (MT), Brasil. **Etnográfica**, v. 20, n. 2, p. 339-362, jun. 2016.

STEIL, C. A. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis: Vozes. 1996.

STOLLER, Paul. Introdução: um retorno aos sentidos. In: \_\_\_\_\_. **O gosto das coisas etnográficas: os sentidos na antropologia**. Tradução de Marcelo Moura Mello. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022, p. 30-42.

TAUSSIG, Michael T. Parte I – Fetichismo: tropo por excelência. In: \_\_\_\_\_. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. Tradução de Priscila Santos da Costa. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p. 21-69.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. Catolicismo plural: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. (Orgs). **Catolicismo plural: Dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-14.

TROCATE, Charles; COELHO, Tádzio. **Quando o silêncio vier: o problema mineral brasileiro**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2020.

TUBULAÇÃO DE MINERODUTO se rompe em Santo Antônio do Grama, minério atinge ribeirão e abastecimento é interrompido. **G1**, 12 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/tubulacao-de-mineroduto-se-rompe-em-santo-antonio-do-grama-na-zona-da-mata.ghml>. Acesso em: 15 jul. 2024.

TURNER, Victor. Peregrinações como processos sociais. In: \_\_\_\_\_. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Tradução de Fabiano de Moraes. Niterói, RJ: EdUFF, 2008, p. 155-214.

VALE assina parceria com Anglo American em Minas-Rio. **Vale**, 22 fev. 2024. Disponível em: <https://vale.com/pt/w/vale-assina-parceria-com-anglo-american-em-minas-rio>. Aceso em: 15 jul. 2024.

VIEIRA, Osnera Silva. **Caminhando pelos mortos, caminhando pela vida: conflitos, romarias e santidade no Sudeste Paraense (c. 1980 – c. 2010)**. Junidaí, SP: Paco Editorial, 2015.

Zonta, Trocate, 2016